

A HOMERO O QUE É DE HOMERO

O progresso científico prontamente se tornou notícia. Um grupo de cientistas anunciou a criação de um dispositivo tecnológico capaz de viajar no tempo e de curar, retroactivamente, enfermidades milenares.

Pelo seu significado e alcance civilizacional e poético, foi escolhido o poeta Homero, grego antigo e cego total, para receber, sem qualquer encargo para a Segurança Social, uma intervenção oftalmológica que lhe devolvesse o sentido da visão.

Não foi fácil descobrir o seu paradeiro, entre montes e vales, entre rebanhos e bandos de aves de arribação, no meio do coro sibilante das flautas de Pã, no coração da urze e das flores silvestres. Mas, por fim, Homero foi avistado, identificado, também com o recurso ao ADN, e, após um intrincado diálogo entre o grego antigo e o moderno, o poeta cego aceitou submeter-se ao tratamento revolucionário, subvencionado por uma grande multinacional farmacêutica.

11

Foi dócil e prestável, mas pediu que, em circunstância alguma, lhe colocassem como condição para que a intervenção se realizasse ele recitar os seus versos, há muito perdidos no silêncio sussurrante das montanhas da Hélade.

Ao fim de algumas horas, com os jornalistas mantidos a uma distância considerável, até para não confundirem o Homero da antiguidade com algum jogador do *Panatinaikhos*, concluiu-se que a intervenção decorrera com pleno êxito e que o poeta voltara, de facto, a ver. Mais: a ver como nunca antes vira.

A comunidade científica ficou boquiaberta, abismada, sem fala. Devolvido à vida e à vista, o que poderia Homero ter agora para dizer, numa comovida avaliação do que acabara de se passar consigo?

Após ter-lhe sido satisfeito desejo de visitar algumas bibliotecas, com natural primazia para a de Alexandria, o poeta, ainda mal adaptado à intensidade da luz, declarou:

-Quero agradecer a todos, independentemente da época a que pertencem, a dádiva com que me obsequiaram. Porém, não posso deixar de fazer o seguinte reparo.

Esubalham-se olhos e apuraram-se ouvidos para escutar o que Homero tinha para dizer naquele momento:

-Meus senhores, eu não me reconheço praticamente em nenhum dos textos que me são atribuídos e de que eu não me considero autor. Foram outras as coisas que escrevi. Não irei culpar ninguém, grato como me sinto por tanta generosidade, mas gostava de conhecer os tradutores e os exegetas. Possivelmente, muitos tiveram problemas de vista tão graves como os meus. E agora, se não me levam a mal, vou voltar para o sossego dos campos para reencontrar o espírito ancestral da minha obra.

JOSÉ JORGE LETRIA